A AÇÃO EDUCATIVA E O CONCEITO FREUDIANO DE "TRANSFERÊNCIA"

ALINI NASCIMENTO SOUSA ALVES

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir o conceito de "transferência" debatido pela teoria da psicanálise. Esse conceito permite-nos refetir acerca da relação entre professor e aluno, uma vez que, tal fenômeno trata dos afetos que envolvem todas as relações humanas. Ao longo da refexão abordamos como a relação afetiva se constrói através da prática pedagógica. De acordo com a teoria psicanalítica, os professores nem sempre percebem que a educação não se limita à realidade externa à sala de aula, uma vez que os personagens dessa suposta relação estão mergulhados na realidade transferencial. O que nos interessa é a compreensão de alguns problemas enfrentados no ambiente escolar e, é isso que o conceito de transferência vem esclarecer.

PALAVRAS CHAVE: educação; Psicanálise; transferência.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é fazer conexões entre dois campos, Psicanálise e Educação, para isso, buscamos problematizar a relação professor-aluno através do fenômeno da transferência; pretende-se ainda destacar a psicanálise como instrumento relevante e viável no enfrentamento de desafos, tensões e situações de violência no vínculo entre professor e aluno.

A ação educativa se constitui como um ato intencional, que pressupõe a existência de um saber dirigido a outrem julgado como não possuidor do mesmo; tomando emprestado as palavras de Kupfer (1989) as metodologias pedagógicas implicam em ordem, estabilidade e previsibilidade; por outro lado, para a psicanálise o inconsciente introduz nas atividades humanas, o elemento imprevisto e desconhecido. A abordagem psicanalítica nos será útil para desnudar o princípio da realidade que orienta as práticas educacionais, tensionando e articulando-se com o princípio do prazer. É certo que educar-se é uma atividade provocada pelos interesses e necessidades do organismo, suscitados pelo ambiente físico e social (Libâneo, 2010) através da experiência o indivíduo é estimulado e afetado por objetos de conhecimentos e reelabora sua posição em um movimento constante.

Para tal, optamos por dividir o texto em dois tópicos, primeiro apresentaremos a temática da educação e psicanálise com o objetivo de situar o fenômeno da transferência na relação professor-aluno; segundo, conceituamos o fenômeno transferencial e problematizamos sua infuência na relação professor-aluno; e, por último, concluímos destacando a contribuição da psicanálise para as possibilidades de mediação docente na ação educativa.

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: (IM)POSSIBILIDADES

É da natureza do ambiente escolar a presença de situações confituosas, às vezes, causadoras de preocupações entre os profssionais da educação, como: indisciplina, falta de motivação, violência física, violência psicológica, evasão e outros fatores. No imaginário pedagógico, é comum encarar as tensões como um problema resultado do ensino inadequado em relação à aplicação dos conhecimentos científcos ou conhecimentos psicológicos acerca de como acontece o processo de passar e receber conhecimento, qual seja, a educação. Assim, os eventos que se mostram contrários aos objetivos educacionais estariam sob o controle do educador, à medida em que este se aproprie de sua prática pedagógica e busque adequar o ensino à realidade psicológica de cada aluno individualmente, levando em consideração à aplicação correta dos conhecimentos científcos e psicológicos que envolvem o processo educacional. A ação educativa se desenvolveria no perfeito ajuste entre os fatores externos e internos do indivíduo.

Morgado (1999) aborda que tal percepção sobre o desenrolar do processo de aprendizagem parte do pressuposto que as possibilidades da constituição do sujeito já estariam dadas, restando ao aluno apenas esperar pelos estímulos corretos e pode-se dizer milagrosos do professor, para que seus talentos pessoais venham a se desenvolver em sala de aula. Sobre isso, Morgado (1999) afrma que faz parte da natureza escolar privilegiar os processos intelectuais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Isso signifca afrmar que se espera que o professor seja competente, esteja comprometido com as fnalidades sociais da educação e tenha sob seu domínio os requisitos básicos para ensinar. Da parte do aluno, entende-se que as condições intelectuais mínimas que o qualifcam para aprender já estejam presentes a partir do momento em que se estabelece um vínculo com a instituição escolar. Esta abordagem desloca o foco em direção ao aluno e aos aspectos cognitivos e psíquicos do processo de aprendizagem.

Assim, podemos dizer,

Em primeiro lugar, perde-se de vista

que, no contexto pedagógico tradicional, a relação que o aluno trava com o saber elaborado é precedida por sua relação com o professor. Em segundo, perde-se de vista a dimensão emocional necessariamente implicada no processo de ensino-aprendizagem [...] talvez falte à Psicologia da Educação levar suficientemente em conta que o trabalho de ensinar e o trabalho de aprender são possíveis graças à relação travada entre professor e alunos; e que, portanto, o enfoque privilegiado no segundo polo constitutivo dessa relação social a obscurece em vez de iluminar sua complexidade e suas possibilidades. Talvez lhe falte, ainda, tomar para si a responsabilidade de mostrar à Didática e à Metodologia que, em última instância, a Prática de Ensino deixará a desejar enquanto não for também considerada a dimensão emocional da relação pedagógica (MORGADO, p. 02 e 03, 1999).

Fora do contexto pedagógico tradicional, a psicanálise parte de outra concepção acerca do sujeito. De acordo com esta teoria, o sujeito encontra-se em constante formação, movimentando-se em um processo inconclusivo de vir a ser.

Na concepção freudiana, o inconsciente é um alicerce da subjetividade marcado por lógica própria e regulado por leis diferentes daquelas ordenadoras da consciência, portanto, nossa constituição enquanto sujeitos parte do desconhecimento, no qual algo sempre escapa à pretensão de nosso controle consciente. Assim como a psicanálise, a educação está indissociável do processo de constituição, é sobretudo um "lugar estratégico para se fomentar aprendizagem-desenvolvimento-potencialidades nós e dos sujeitos" (Silva, 2022, p. 16).

Por se constituir como um campo de disputas acirradas se faz necessário compreender as estruturas subjetivas que mediam os processos pedagógicos e é isto que o conceito de transferência vem a esclarecer. Mais do que um fenômeno entre paciente e terapeuta, este conceito pode ser entendido como intrínseco a todas as relações humanas. Tem-se assim, uma leitura do mundo, de si e do outro através da linguagem, ferramenta capaz de criar novos sentidos e realidades.

A INFLUÊNCIA DO FENÔMENO TRANSFERENCIAL NA AÇÃO EDUCATIVA

O termo transferência é amplamente utilizado em diversas áreas de conhecimento, de acordo com o dicionário Michaelis (2023) define-se "transferência" como "ação ou efeito de transferir(-se)". O uso do vocábulo não é exclusivo da Psicanálise, no entanto, a teoria psicanalítica reconhece esse fenômeno como um elemento fundamental do processo terapêutico. Laplanche e Pontalis (1992, p. 514) afirmam que na teoria psicanalítica "a transferência é entendida como uma repetição de protótipos infantis vividos com uma sensação de atualidade acentuada" trata-se de um fenômeno psíquico presente em todas as relações estabelecidas com nossos semelhantes.

Este processo é resultado das expressões do passado que são projetadas indiscriminadamente e inconscientemente no presente. Como se trata de elementos enraizados em uma base inconsciente, esta percepção é distorcida e não encontra amparo na realidade, uma vez que é regida pelo processo primário de pensamento.

Equivaleria a transferir sentimentos e desejos inconscientes vivenciados no passado com pessoas importantes (por exemplo, pai, mãe, irmãos e outros personagens significativos, que fizeram parte das primeiras relações estabelecidas no ambiente familiar) a outras do presente [...] tal manifestação se processa sem lembrança alguma das circunstâncias vividas naquela ocasião, uma vez que os traços mnemônicos das experiências infantis recalcadas ficam preservados no registro inconsciente, onde se mantém sob o peso do esquecimento [...] essa conexão mal estabelecida desperta, em algum grau, o mesmo efeito que havia se manifestado naquela conjuntura original. Ocorre, assim, o deslocamento do afeto vinculado a uma determinada representação mental à outra, concomitantemente com a substituição de uma pessoa por outra. Um indivíduo pode se tornar objeto de transferência devido ao tipo de relacionamento que foi estabelecido, associando-o com outra pessoa do passado, em função de determinadas características ou semelhanças que apresenta com aquela figura originária (BECHELLI e SANTOS, 2006, p. 02)

Entender a relação entre pais e filhos como prototípica das demais relações sociais, permite-nos compreender como a relação original é reelaborada na relação pedagógica através do fenômeno transferencial.

No contexto educativo, destacamos a figura do professor como aquele que, do ponto de vista da psicanálise, ocupa uma posição que transcende a prática pedagógica. Isto porque a relação entre professor e aluno também possui uma dimensão afetiva. Além de sua figura pessoal, o professor representa para o aluno uma função de substituição, no ambiente escolar, da figura paterna, da figura materna e/ou pessoas que possuem um vínculo afetivo considerado importante para a criança.

A relação professor-aluno pode reproduzir e produzir, segundo as leis do funcionamento do inconsciente, uma relação transferencial imaginária, na qual o aluno submete-se ao desejo do mestre e busca por isso ser reconhecido e amado por este outro sujeito, suposto tudo saber, tudo po-

der. Na figura do professor são depositadas projeções alheias a ele enquanto indivíduo. Por situar-se na posição de "sujeito suposto saber" o único caminho possível para o aluno é submeter-se à posição de objeto diante do professor. Portanto, o efeito será o despertar do desejo de conhecimento no aluno. Embora o professor não possa desejar pelo outro (no caso o aluno) pode através da transferência transmitir esse desejo. Monteiro (2000) salienta que isso acontece porque nesta relação o conhecimento só pode ser despertado ao longo do processo de ensino-aprendizagem e através do desejo daquele a quem o conhecimento falta e o desejo do professor de ensinar e se comunicar de maneira atraente.

É necessário ter a clareza de que não pode fazer mais pelo aluno do que transmitir o desejo de saber, a relação entre professor-aluno é uma teia complexa de sentidos, representações, expectativas e desejos inconscientes que em muitos casos desemboca em conflitos que contribuem decisivamente para o que se convencionou chamar de fracasso escolar. Contudo, dessa relação também emanam paixões, identificações que resistem ao tempo, marcam a vida dos alunos de modo a influenciar até mesmo suas escolhas pessoais. A psicanálise ajuda o professor compreender essa intrincada relação, dimensionar sua importância, chamar a reflexão sobre si mesmo e sua prática docente, atentando para sua singularidade, responsabilidade e imenso desafio (Ribeiro, 2014, p. 30).

Ao educador também é atribuído um poder que caracteriza a sua autoridade, assim, para exercer a ação educativa com responsabilidade, é necessário que o professor ignore esse lugar que lhe é conferido pelo aluno, pois, é o desejo inconsciente desse aluno que determina o lugar que o educador ocupa. A autoridade docente não se caracteriza como uma imposição, pois é cedida ao professor pelo próprio aluno. Não se trata de algo que dependa do querer do professor, é sobretudo uma consequência do encontro desigual entre duas pessoas. Tendo em vista que em relação ao saber, um dos sujeitos está numa posição de "tudo sabe" enquanto o outro deseja saber.

Ao considerarmos que a aprendizagem está comprometida a algum ideal de formação humana percebemos a complexidade e a responsabilidade na qual o docente se encontra. Nesse sentido, Silva (2022) afirma que agir embasado numa perspectiva que considera o inconsciente significa trabalhar de maneira contundente e, ao mesmo tempo, sensível, respeitando as subjetividades e dialogando com estas, numa abertura de atender e acolher o que não pode e nem deve ser contido". Visto que, o fenômeno transferencial também pode se manifestar de forma positiva e de forma negativa; a transferência positiva faz desabrochar no aluno sentimentos de amor, de aceitação, de admiração e principalmente, de respeito pelo professor; por outro lado, a raiva, o desrespeito e o medo seriam manifestações da transferência negativa, a qual leva o aluno a não se identificar com o professor. Nesse contexto, é comum que o professor experimente "dificuldades para conviver com essas duas diferentes formas de transferência e de administrá-las" (Santos, 2009, p. 47).

Monteiro (2000), Ribeiro (2006) e Kupfer (1989) acrescentam que o a transferência insere o professor no inconsciente do aluno, isso explicaria em partes por exemplo, porque é comum encontrar pessoas que afirmam nutrir afeição a professores que tiveram na infância e mais ainda, porque algumas pessoas afirmam ter sido influenciadas profissionalmente por um(a) professor(a). O próprio Freud (2006), em seu texto "Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar" relata que entrou em contato com seu desejo de contribuir academicamente para a ampliação do conhecimento humano e tornar-se médico se deve à influência de seus mestres na maneira de conduzi-lo ao caminho do conhecimento científico, essa percepção sobre o presente se deve à herança afetiva gerada pelas relações parentais e afetivas ainda na primeira infância.

Para além de reconhecer sua autoridade, o professor precisa ainda saber quando e como renunciar ao lugar cedido pelo aluno. Esse movimento contribui para que o aluno lide com a frustração de não corresponder às suas próprias expectativas (Monteiro, 2000). Para a Psicanálise isso seria possível através da "educação para a realidade" conceituada por Leandro Lajonquière (2000) da seguinte forma:

> Educar para a realidade é sinônimo de educar para o desejo, ou de permitir o reconhecimento da impossível realidade do desejo – ou seja, do caráter artificial de seu estofo. A pedagogia, impregnada de ilusões religiosas, neutraliza a vontade de saber, assim como diminui o medo dos adultos, perante os perigos e vicissitudes próprios da vida junto às crianças, à medida que formula prescrições, proibições e restrições sempre justificadas. Em suma, tal pedagogia ignora o desejo [...] A educação para a realidade resulta ser uma educação infundada, pois se reconhece sustentada no desejo adulto em causa no ato educativo. Ou seja, é uma educação que sabe estar ela própria em função da posição que o adulto ocupa a respeito da castração (LANJOQUIÈRE, 2000, p. 06).

Se o professor escolher usar esse local para impor o próprio desejo estaria contribuindo para a castração do desejo de seu aluno. A curiosidade e a autonomia intelectual do aluno poderiam ser severamente prejudicadas.

A proposta não é extrair da psicanálise algum método pedagógico, analisar o trabalho pedagógico a partir de princípios fundamentais da psicanálise. Levar em consideração que a relação entre dois indivíduos está sempre sujeita à singularidade das representações psíquicas dos envolvidos, em outras palavras, aos seus desejos inconscientes. Em linhas gerais, é preciso reconhecer como "aquilo que se apreende e se elabora no ato educativo está para além da previsão e domínio dos pedagogos, pois, se encontra submetido às leis que regem o psiquismo humano" (Monteiro, 2000, p. 83), dentre elas, destacamos a transferência.

Nesse sentido, pensar uma educação que reconhece o desejo ao mesmo tempo que afirma a impossibilidade de sua realização apresenta alguns obstáculos, por exemplo, a ideia de senso comum de que isso significaria deixar o aluno livre para fazer o que quiser ou o que supõe querer. Ao nos aproximar da teoria psicanalítica propomos que a educação tenha em vista o dispositivo da aprendizagem: o desejo de saber.

O trabalho pedagógico precisa renunciar a métodos rigorosos, como a preocupação excessiva com métodos de ensino e com a didática padronizada. Também é necessário renunciar a técnicas de controle e ferramentas de intervenção em situações que fogem do planejamento de aula.

Assim, a questão fundamental é saber o quanto proibir, quando é preciso proibir e como aplicar essa proibição. Para isso, o professor não deve nortear sua autoridade por desejos inconscientes, o bom manejo transferencial conduz "[...] o processo educativo no caminho da realidade, trazendo a concepção de um trabalho educativo psicanaliticamente esclarecido (Ribeiro, 2014 p. 25 apud Freud 1913-1914). Nesses termos, o professor atua através de uma via de mão dupla entre o excesso exercido pelo professor detentor do saber, castrador do desejo, aprisionador e o professor que reconhece a necessidade de renunciar a este lugar, reconhecendo a realidade de que os modos de pensar são também subjetivos e particulares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo podemos discutir o conceito de transferência tomando como referencial teórico a psicanálise. O percurso textual abriu possibilidades de refletir a partir da teoria da psicanálise, as relações constituídas no espaço escolar e como professor (a), figuras parentais e desejos inconscientes influenciam o processo de aprendizagem. O que implica concluir que a transferência desloca e reedita processos e padrões passados.

Para a psicanálise, no processo de análise, a transferência ocorre porque o paciente demanda do terapeuta o saber suposto que o faria curar seu sintoma. No ambiente escolar, esse suposto saber recai sobre a figura do professor. Na relação entre professor-aluno essas heranças se fazem presentes, por essa razão, quando o(a) professor(a) compreende tal mecanismo pode agir de maneira proporcional e coerente com sua missão de mediador, direcionando o conhecimento para o desenvolvimento intelectual do aluno.

Para além da prática docente, acreditamos que a transferência possibilita articular de forma proveitosa as relações constituídas dentro do espaço pedagógico. É sabido que o ser humano é um ser social, nesse sentido, as figuras afetivas se configuram como um alicerce para a construção subjetiva dos sujeitos. Se reconhecermos que o processo de aprendizagem busca a formação humana e é determinado por fatores internos e externos aos indivíduos, bem como pelos aspectos cognitivos, afetivos e sociais; se apropriar de uma visão multidisciplinar abre um maior leque de possibilidades de ação docente.

Como relatamos no começo desse texto, no espaço escolar, o profissional pode se deparar com situações que tensionam a relação entre docente e discente; por exemplo, ao receber uma provocação, o professor pode segundo Santos (2009) rejeitar ou isolar esse aluno, uma vez que um comportamento desse tipo faz ele sentir medo frente à sua própria reação. Ao ocupar-se dos estudos da psicanálise e da aprendizagem humana, o(a) professor(a) consegue trabalhar seu posicionamento de maneira mais assertiva diante da realidade transferencial, entendendo a importância de manter o autocontrole frente a manifestações afetivas, amorosas ou de rejeição.

Acreditamos que a principal contribuição da psicanálise para o campo da educação seja a possibilidade de desnudar as práticas educacionais voltadas a uma visão limitada e objetiva dos sujeitos. A suposta garantia e segurança dos currículos educacionais se mostram divergentes e, até mesmo opostos às leis psíquicas inconscientes. A educação orientada pela perspectiva psicanalítica não focaliza o conteúdo, mas o campo relacional e transitório entre o professor e seu aluno. Se apoia sobretudo no prazer que uma relação recíproca entre aquele que deseja aprender e aquele que se propõe ensinar oferece. A experiência de construir práticas educativas capazes de acolher outros pontos de vistas se mostra enriquecedora para o ambiente de aprendizagem; em resumo, se mostra um processo contínuo que envolve e requer mudanças constantes em relação às ações, posicionamentos, práticas e conhecimentos. Transformando espaço escolar em um verdadeiro espaço de expressão e desenvolvimento tanto a nível individual como coletivo, em busca de pessoas críticas e autônomas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bechelli, L.P.C. e Santos, M.A. Transferência e Psicoterapia de Grupo. Revista Latino-Americana de Enfermagem: v. 14, n. 1, p. 110-117. São Paulo, 2006.

Borges, S. e Pessoa, I. Educação Online: a transferência na relação professor-aluno, Rio de Janeiro, 2013.

Kupfer, M. C. Freud e a educação o mestre do impossível. Scipione Editora, São Paulo, 1989.

Lajonquière, L. Freud, sua "educação para a realidade" e a ilusão (psico)pedagógica de nossos dias. Revista Educação e Realidade. Rio Grande do Sul, 2000.

Leplanche, J. e Pontalis, J. B. Vocabulário da Psicanálise. Martin Fontes, São Paulo, 1992.

Libâneo, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para quê? 12 ed., Cortez, São Paulo, 2010.

Monteiro, A. E. A Transferência na Ação Educativa. São Paulo, 2000.

Morgado, M. A. Contribuições de Freud para a Educação, Psicologia da Educação,

n. 7/9, 1999, p. 81-97. São Paulo, 1999.

Ribeiro, M. P. Contribuição da Psicanálise para a Educação: a transferência na relação professor/aluno. São Paulo, 2014.

Santos, J. M. S. A transferência no processo pedagógico: quando fenômenos subjetivos interferem na relação de ensino-aprendizagem. Belo Horizonte, 2009.

Silva, G. J. A transferência na relação pedagógica: um olhar à luz da psicanálise.

Paraíba, 2022.

Transferência. In: Michaelis, Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. 2023. Disponível

em:<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tran sferencia>. Acesso em 15/03/202